

INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA BAÍA DE ANGRA REALIZADAS DESDE 2006 REVELAM CENÁRIO POUCO ANIMADOR

## Erosão no mar causa preocupações em terra

O Centro de História d'Aquém e d'Além Mar exalta o património subaquático de Angra mas alerta para o seu forte processo de degradação, por causas incertas.

A cidade património mundial de Angra do Heroísmo tem a área mais rica do país em termos de património arqueológico subaquático e uma das mais variadas ofertas a nível internacional em termos de estudo de embarcações naufragadas.

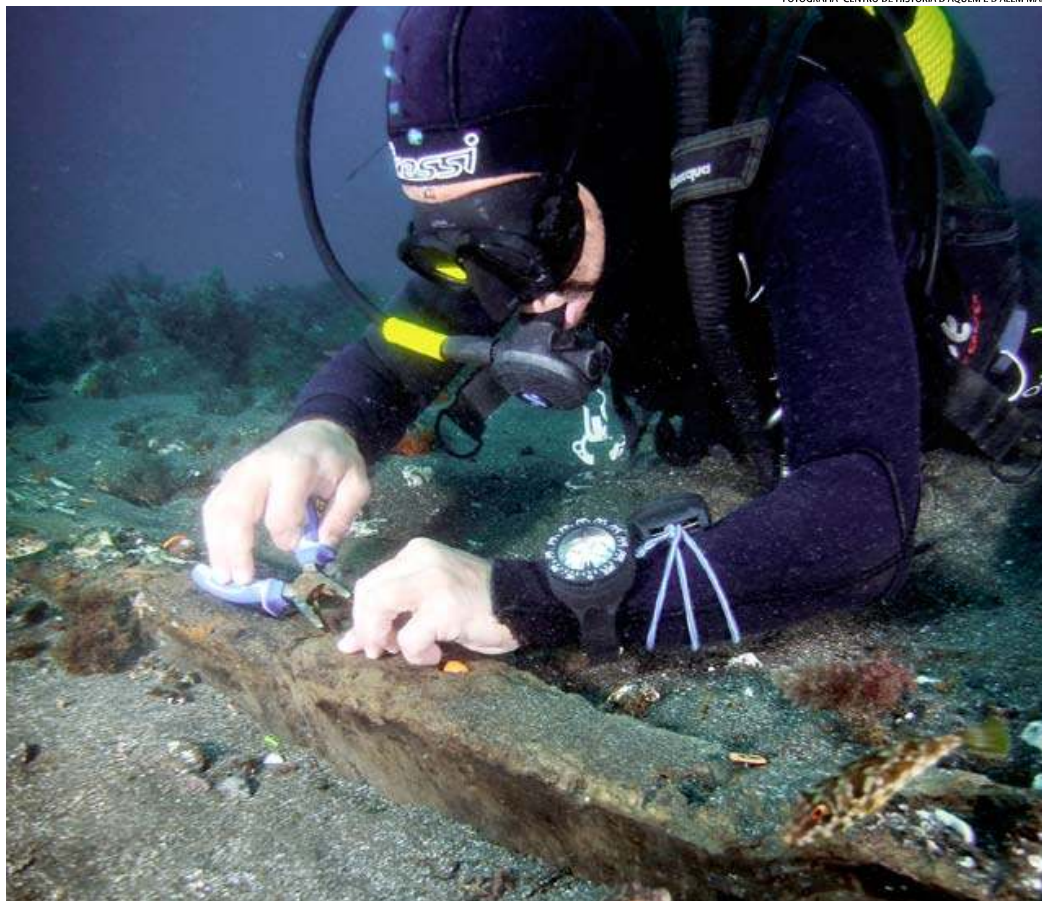
O problema é que, de ano para ano, tem-se registado uma forte erosão de alguns dos materiais registados e uma degradação geral nos locais sob intervenção arqueológica, por causas maioritariamente naturais.

O fenómeno foi registado por uma equipa do Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (CHAM), uma unidade de investigação científica inter-universitária resultante de uma parceria entre a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e a Universidade dos Açores, com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Aquele grupo de investigação está presente na costa terceirense desde 2006, já marcando também presença em outros pontos do arquipélago.



**JOSÉ BETTENCOURT** Investigador fala em necessidade de interesse e financiamento



FOTOGRAFIA CENTRO DE HISTÓRIA D'AQUÉM E D'ALÉM-MAR

**EROSÃO** Madeira é o principal material em avançado estado de degradação no património arqueológico da baía de Angra

go, como na Horta. Todos os verões desde essa altura, entre um a três meses por ano, a baía de Angra torna-se objeto de estudo de um grupo com um número variável de investigadores, este ano situado nos oito elementos.

O objetivo principal, segundo explica a DI o coordenador do grupo e investigador em Arqueologia na Universidade Nova de Lisboa, José Bettencourt, “é estudar a importância que o porto de Angra teve durante a época moderna (séc. XVI e XVII) enquanto escala do Atlântico, a partir dos seus vestígios materiais”.

### SITUAÇÃO COMPLICADA

O investigador explica a DI que o que se tem verificado na baía de Angra “é que existe, infelizmente, uma degradação crescente das estruturas ao nível da madeira”, um processo erosivo ainda sem causas

concretas apuradas.

“Ainda não percebemos se as causas são naturais ou se têm a ver com alterações na dinâmica da baía resultantes de obras”, como o Porto de Recreio da cidade de Angra, “mas, de facto, desde 2006 até à data, notamos uma erosão gradual e rápida que põe em causa a conservação de algumas partes, não a totalidade, dos diferentes sítios de naufrágios que temos mapeados até agora na baía”, diz o investigador.

Como solução, aquele grupo tem tentado “diminuir ao máximo o efeito desse processo erosivo nos casos mais graves implementando medidas de conservação preventiva, ou ‘in situ’”, como no caso do sítio Angra B, que diz respeito a um navio espanhol que se supõe ser dos finais do século XVI, onde se tem recorrido à utilização de areia para abrandar o avançado processo de bioerosão das madeiras expostas.

É muito provável, contudo, “que a degradação já acontecesse antes” de aquele grupo de investigação lá ter chegado há quase 10 anos, sendo um processo natural. É também provável, segundo José Bettencourt, que situações do género ocorram também um pouco por toda a Região, estando apenas o caso da baía de Angra documentado porque há lá um trabalho contínuo e que importa também realizar noutros sítios.

“Se temos noção de que os sítios estão a desaparecer, então é sinal de que é preciso trabalhar contra isso e angariar mais dados concretos sobre os sítios arqueológicos”, quer dos Açores quer a nível mundial, apela José Bettencourt, apesar de reconhecer a falta de projetos nesse sentido por parte da comunidade científica e a escassez de financiamento e de público interessado nesta matéria. ❖